O BRASIL INSCRITO EM *MENINO DE ENGENHO*¹

Roberto Pontes²

Ao ensejo da justa comemoração do centenário de nascimento (1901-2001) de José Lins do Rego pela Universidade Federal da Paraíba – Campus V, é mais que oportuno reler criticamente seu romance de estréia, o qual no ano 2000 chegou à septuagésima sétima edição. Registre-se que apenas a primeira destas não ocorreu sob a chancela da José Olympio Editora e, a partir de *Bangüê*, todas as primeiras edições, e seguintes, ocorreram por conta da mesma casa publicadora – informa nota constante nos “Dados bibliográficos do autor” que abre o volume.

A crítica brasileira e estrangeira, por sinal muito favoráveis a este romance, quase sempre se têm pautado no exame de suas virtudes memorialísticas ou no de seu vínculo com o regionalismo e, até certo ponto, no acento documental contido nas páginas deixadas pelo festejado ficcionista.

Donald Schüller dedicou algumas linhas ao escritor do Pilar, de quem disse: “José Lins do Rego revigora o romance de memórias em *Menino de Engenho*. O eu narrador, indeciso entre o menino e o engenho, surpreende em um e outro o indivíduo e a sociedade patriarcal, revivendo os solavancos da alma verde desde a visão do corpo ensangüentado da mãe, abatida pela insânia do pai, até as primeiras turbulências da adolescência prematura. Acompanhamos a aprendizagem doce e amarga feita em contato direto com a vida, longe das letras às quais como criança não se afeiçoa. Anelos de um passado extinto misturam-se com o reviver de paixões, alegrias e temores, presos a histórias de assombração,

¹ Conferência pronunciada no “Seminário 100 Anos de José Lins do Rego”, na Universidade Federal da Paraíba – Campus V, a 28 de março de 2001.

² Poeta, crítico, ensaísta. Professor de graduação e pós, do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará. Doutor em Literatura pela PUC-Rio.

animais, jagunços, senhores de engenho, senhoras, moleques e molecas. E no retorno ao passado o narrador vacila na ambigüidade de identificar-se com o menino e de manter a distância que a visão adulta determina.”³

O comentário de Schüler, feito pelo ângulo do memorialismo, nas páginas de seu precioso livro *Teoria do Romance*, entretanto, não favorece ao melhor entendimento do texto reguiano, como acontece com quase todos aqueles calcados exclusivamente nesse enfoque teórico, presentemente tão valorizado no meio acadêmico.

Luís Costa Lima também analisa a obra de José Lins do Rego e dela não fala com entusiasmo, sendo-lhe notório o tom restritivo às obras do escritor hoje reverenciado. Diz Costa Lima: “Ao critério regionalista, portanto, pode-se associar um critério de valor, a ser estabelecido por cada obra em particular. Assim, pode-se acrescentar a respeito de José Lins: a classificação de regionalista se ajusta a sua obra, porque ele tem o caráter de documento, de fixação do comportamento, das criaturas marcadas pela situação socio-econômica de certa área, o Nordeste. A caracterização ainda mais se ajusta porquanto a visualização da natureza regional permanece constativa, paisagística, sem se aglutinar ao destino das criaturas e, por isso, sem força de transposição.” E mais adiante: “Essa deficiência prova a sujeição final do autor ao plano regionalista. O mesmo se diga dos personagens. Enquanto a visualização é paisagística, os tipos são documentais. São as duas conseqüências laterais da desarticulação entre a natureza e o homem, já antes referida. Os personagens só são ricos quando postos defronte da situação de que decorreram. Fora dela, eles não têm consistência, porque, com exceção de Zé Amaro, Lula de Holanda, Zé Paulino e Vitorino Carneiro da Cunha, não possuem realidade em si mesmos. Tanto a visualização quanto a criação dos personagens ficaram demasiado presos (sic) aos elementos *singulares* que marcavam a contraface nordestina. Por isso, malgrado certas qualidades suas, José Lins do Rego terminou, de fato, um autor regionalista.”⁴

³ SCHÜLER, Donald. *Teoria do Romance*. São Paulo: Ática, 1989, p. 29-30.

⁴ LIMA, Luis Costa. “José Lins do Rego”, in COUTINHO, Afrânio (Direção), *A Literatura no Brasil*, v.5. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986, p. 363-364.

Ao ler as palavras de Costa Lima num importante panorama da literatura brasileira coordenado pelo saudoso Afrânio Coutinho e por seu filho, Eduardo Coutinho, tem-se a exata noção reducionista que aquele crítico pratica em relação às narrativas de José Lins do Rego. O crítico chega a sugerir ser o autor de *Menino de Engenho* um escritor menor, quando assevera: "o lirismo sentimental do autor é não só responsável pela frase freqüentemente de mau gosto, como por falhas estruturais mais graves."⁵

Ora, Costa Lima leu José Lins do Rego com visível má vontade, talvez porque na obra deste talentoso escritor paraibano não tivesse encontrado o cânone da pesada narrativa germânica tão afim ao seu pensamento teórico.

Outro crítico, Wilson Martins, começa o comentário que faz a respeito da obra de José Lins do Rego, em importante coleção de literatura brasileira, com a "lapidar sentença" a seguir: "Herdando do Modernismo: a liberdade de expressão, o interesse social, a inclinação regionalista, um público de gosto já formado, José Lins do Rego teria razão, entretanto, em ser, desde o primeiro momento, um adversário do Movimento. É que, enquanto este último estava espiritualmente voltado para o futuro, o romancista sempre esteve voltado para o passado."⁶

O crítico paranaense baseia sua assertiva no grande equívoco que pressupõe o Modernismo como atitude estética voltada para o futuro, quando todos sabemos hoje que a dialética passado/futuro não é excludente, sendo exemplos evidentes disso os movimentos de 1915 em Portugal e de 1922 no Brasil. Portanto, inconsistentes são essas palavras de Wilson Martins. Bastava a este crítico uma leitura atenta das linhas finais do capítulo vinte e um, no qual o menino personagem deseja, ansioso, o retorno da famosa contadora de histórias, sinhá Totonha. Nelas, diz Carlinhos: "Depois sinhá Totonha saía para outros engenhos, e eu ficava esperando pelo dia em que ela voltasse, com as suas histórias

⁵ Op. cit., p. 361.

⁶ MARTINS, Wilson. *A Literatura Brasileira: O Modernismo*, v. IV. São Paulo: Cultrix, 1977, p. 272.

sempre novas para mim. Porque ela possuía um pedaço do gênio que não envelhece." Desse pedaço de gênio aludido pelo pequeno Carlos, se fez o Modernismo tanto de Portugal quanto do Brasil, e o nosso facundo crítico ficou por saber.

Mas ele vai em frente a produzir afirmações absolutas, como esta: "É difícil distinguir, na sua obra, a parte da memória e a parte da imaginação – mas, em caso de dúvida, poderemos sempre decidir sem erro pela primeira contra a segunda." Ora, uma coisa é dar palpite, outra é ler a obra e comentá-la. Por isso, tivesse ele passado seus olhos pelo capítulo vinte, teria a fala do próprio menino a esclarecer: "as histórias correm como os fatos mais reais do mundo" (p. 76); e mais adiante, revelando o que ouvia da boca dos seus interlocutores: "Eles me contavam estas histórias dando detalhe por detalhe, que ninguém podia suspeitar da mentira. É a verdade é que para mim tudo criava uma vida real." (p. 78); num trecho desta mesma página lê-se: "Punham-nos a dormir nos embrulhos com o bicho-carrapato. A cabra-cabiola, a capora, encontravam na mata os caçadores solitários. A burra-de-padrão andava trindo as correntes de suas patas pelas portezas distantes. Um mundo inteiro de duendes em carne e osso vivia para mim." Se levamos em conta que o real inventa a ficção de José Luís do Rego, se aceitarmos igualmente que essa realidade de aparências míticas produziu um mundo narrado com foro de verdade, logo temos ser mais importante saber se o real inventou a ficção ou se as aparências produziram o mundo real narrado por este autor parábico, do que propor a questão pouco esclarecedora trazida à consideração por Wilson Martins.

Costa Lima já tocara antes no caráter documental da escrita de José Luís, e Wilson Martins também a analisou por esse vies ao sublinhar nela "uma significação cada vez mais resistentíssima e exemplificadora, e cada vez menos estética".⁸

Não é assim que pensam outros leitores mais sensíveis, mais atentos, de sólida cultura humanística e senso crítico apurado.

⁷ MARTINS, Wilson. *A Literatura Brasileira: O Modernismo*, v. IV. São Paulo: Cultrix.

1977, p. 272.

⁸ Op. cit., p. 275.

Deles daremos notícia no momento oportuno. O que causa espêcie é o preconceito de pensamento retrógrado expendido em livro cujos exemplares circulam entre os estudantes e os estudiosos de literatura no Brasil e no mundo. Na obra que vem sendo citada vemos com espanto e indignação o seguinte disparate pouco digno de um homem de letras: "Haverá, pois, daqui por diante, a tendência previsível de subestimá-lo, assim como ele foi, indiscutivelmente, superestimado; toda a discordância está em que, sendo um 'contador de histórias', como os menestréis da Idade Média, ou, melhor ainda, como os cegos cantadores do próprio Nordeste, seu instrumento literário era nitidamente inferior e insuficiente.". Wilson Martins aposta simplesmente que a literatura de José Lins do Rego será subestimada, e os motivos dados para tanto são risíveis. Primeiro, por ser ele um "contador de histórias"... Ora, pode um romancista ou um contista abdicar de tal habilidade? Se contar não for a própria conformação ontológica do ato de narrar, o que será?; segundo, porque conta "como os menestréis da Idade Média". Pergunta-se-lhe: – E não terão sido os menestréis da Idade Média os fornecedores de material para um "contador de histórias" do estofo de um Boccaccio, senhor crítico, para ficar só neste?; terceiro, porque acha que ao ser "contador de histórias" ao modo dos "cegos cantadores do próprio Nordeste", José Lins do Rego trabalhava com "instrumento literário nitidamente inferior e insuficiente"... Indaga-se do referido crítico: – Não teriam sido os rapsodos cegos gregos os autores da contação de histórias que redundou nas duas obras creditadas a Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*? E saberá, por acaso, aquele crítico que tanto a nossa poesia quanto a nossa narrativa têm suas raízes na literatura oral da Idade Média e não no tesouro escrito antigo greco-romano? sssss

O pior é que conceber a cultura erudita como superior à popular, além de ignorância pura vem a ser ainda nazi-fascismo destilado, o qual já deveria ter sido erradicado entre os que se querem intelectuais. Elementar, Mr. Wilson, é saber que tudo o que é erudito no mundo só o é por haver sido popular, e tudo o que é escrito só o foi por ter primeiro passado pela marca da oralidade. Está aí o compositor Villa-Lobos como prova.

Mas o senhor Wilson Martins vai mais longe e continua: "Seu sucesso deve-se, justamente, ao fato de que no período em que produziu os seus livros mais conhecidos, a literatura tinha vergonha de si mesma e não aspirava a outra coisa senão a ser um *documento social*, tanto mais autêntico e digno de confiança quanto menos "literário". Essa carência de arte literária faz-nos considerá-la, ao contrário, como extremamente pobre e frustrada: esses livros de tanto sucesso suportam dificilmente a releitura: relê-los será, forçosamente, reavaliá-los – e reavaliá-los será forçosamente, em nossos dias, tirar-lhes, e não acrescentar-lhes, valor."⁹

O eminente crítico quer-nos fazer crer que a obra de José Lins do Rego inexistiu e só sobreviveu dada a sua qualidade de "documento social". É o seu preconceito contra o Nordeste é claro quando admite que apenas dois romancistas puderam superar o estatuto de "documento social" com que quer tornar imprestável o ciclo de romances em que se insere a produção reguiana, citando, por exemplo, "Graciliano Ramos, porque não era modernista, nem "nordestino".¹⁰

Lamentável, muito mesmo, pois todos sabemos que se não fora a marca nordestina da literatura de Graciliano Ramos, por exemplo, a verificável em *Vidas Secas*, o mestre Graca e sua obra não significariam coisa alguma. Do mesmo modo se pode dizer da literatura de José Lins do Rego.

Por outro lado, este escritor centenário, contrariando as aziagas expectativas de Costa Lima e Wilson Martins, os desmente com o passar dos anos, e outros intelectuais, historiadores da estirpe de Sérgio Buarque de Holanda lêem em sua obra um Brasil inscrito. Numa perspectiva histórica, ou melhor, na das relações da História com a Literatura, é que Sérgio Buarque de Holanda recorre à narrativa de José Lins do Rego em busca do sentido oculto da brasilidade. No capítulo VII de seu clássico livro *Raízes do Brasil*, procurando elucidar as transformações havidas em nossa sociedade a partir da Abolição, escreve o respeitado historiador paulista: "É compreensível que a Abolição não tivesse afetado

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

desastrosamente as regiões onde a cultura do café já preparara assim o terreno para a aceitação de um regime de trabalho remunerado. Aqui a evolução para o predomínio urbano fez-se rápida e com ela foi aberto o caminho para uma transformação de grandes proporções. Nos Estados do Norte, onde a baixa dos preços do açúcar mundial já tinha acarretado uma situação que o 13 de Maio veio apenas referendar, nada compensaria a catástrofe agrária. Aos barões do açúcar não restava, com a desagregação dos seus domínios, senão conformarem-se às novas condições de vida. Um romancista nordestino, o Sr. José Lins do Rego, fixou em episódios significativos a evolução crítica que ali também, por sua vez, vai arruinando os velhos hábitos patriarcais, mantidos até aqui pela inércia; hábitos que o meio não só deixou de estimular, como principia a condenar irremediavelmente. O desaparecimento do velho engenho, engolido pela usina moderna, a queda do prestígio do antigo sistema agrário e a ascensão de um novo tipo de senhores de empresas concebidas à maneira de estabelecimentos industriais urbanos, indicam bem claramente em que rumo se faz essa evolução."¹¹

Sérgio Buarque de Holanda percebeu exatamente o sentido da obra reguiana, ao contrário dos dois críticos tão mais ligados ao mister literário. Mas se levarmos em consideração a largueza de horizontes do historiador paulistano, compreenderemos por que sugere ele nas entrelinhas a leitura dos romances de José Lins do Rego para entender melhor aquele momento de transição histórica ocorrido no Brasil. Homenagem maior não poderia merecer um escritor que inscreveu um Brasil em transformação nas páginas deixadas. Talvez isso tenha sido possível a Sérgio Buarque dado que suas preocupações primordiais eram com o Brasil e não com a Alemanha ou os Estados Unidos da América do Norte...

A fazer coro com Sérgio Buarque está Carlos Drummond de Andrade, que entendia do riscado, e escreveu a propósito do romancista paraibano, quando de seu falecimento, em tocante crônica: "Era um romancista fabuloso, no sentido de que o humilde

¹¹ HOLANDA. Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989, p. 130-131.

material nordestino de que ele se servia ganhava contornos de fábula, uma fábula apaixonante como a dos contos populares que a tradição familiar brasileira costuma transmitir (será que ainda transmite?) às crianças. Sua narrativa tem quase o estilo oral dessas 'estórias', sem invenções literárias que interessem por si, e a sensação de alegria de 'ouvir' domina o leitor – mas uma angústia nova, diferente dos sustos ingênuos que os casos folclóricos ministravam, fica pregada a quem leu."¹²

Menino de Engenho, mesmo aos estrangeiros, causou e causa funda impressão, como a deixada em Blaise Cendrars, que conviveu com os modernistas brasileiros. Escreveu ele em *Etc... Etc...*: "Sinto-me incapaz de contar a vocês como é escrito. Não há frases, quase que não há palavras e as que são usadas são tão correntes e apagadas como pobres vinténs e é difícil acreditar que encerrem um valor suficiente para exprimir o que uma alma de criança tem de mais precioso a dizer e a formar um tesouro. Quase que tudo está coberto por uma terra ardente que irradia tristeza sob a felicidade de viver, de existir. Não sei como acontece isto, mas quando leio estas páginas, passarinhos saltitam de uma linha para outra. Meu sangue bate mais depressa. Todo o Brasil está neste livro transparente."¹³

Cendrars, um estrangeiro, não diz, mas exprime o sentido da transfiguração da realidade brasileira existente na obra sobre a qual fala, diferentemente dos críticos ranzinzas antes impugnados.

Antonio Carlos Villaça, autor de excelente estudo que antecede o romance de José Lins, nesta septuagésima edição, ainda nos põe a par de inúmeras outras apreciações críticas que engrossam o coro comandado por Sérgio Buarque, Carlos Drummond e Blaise Cendrars. Entre os que logo viram as virtudes narrativas de José Lins do Rego estão: Paulo Prado, Ribeiro Couto, José Cândido de Carvalho, José Aderaldo Castello, João Ribeiro, Augusto Frederico Schmidt, Álvaro Negromonte, Valdemar Cavalcanti, Al-

¹² ANDRADE, Carlos Drummond de. "Crônica" in *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 15.IX.1957.

¹³ Apud VILLAÇA, Antonio Carlos. "Menino de Engenho" in REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p. 19.

ceu Amoroso Lima, Rachel de Queirós, Gastão Cruls e Pedro Dantas. Omitido por Villaça, temos ainda Antonio Candido, o mais importante dos nossos críticos. Note-se que este conjunto de notáveis escritores reúne gente de todas as tendências e épocas, das mais exigentes filiações estéticas, a apregoar a qualidade literária deste romancista centenário.

Fizemos ver que o Brasil está inscrito em *Menino de Engenho*, mas necessário se faz apontar o modo pelo qual isso ocorre.

O recorte temporal externo à narrativa é o apontado por Sérgio Buarque de Holanda, sendo constantes as referências nas páginas do romance aos processos econômicos, políticos e sociais da época do Império, em que se passa a ação. Este tempo se articula com o da narrativa, os quatro anos vividos pelo menino antes de ir morar no engenho, somados estes a mais oito de permanência ao lado do avô, pois aos doze parte para o colégio em Recife.

O espaço da narrativa é o do Nordeste úmido, às margens do rio Paraíba, onde se situavam os engenhos dos patriarcas da família do menino Carlinhos. Tudo o que diz respeito à natureza nordestina é visualizado e transposto para os econômicos capítulos de *Menino de Engenho*.

Uma cultura toda modelada por hibridações culturais vai surgindo ao longo dos sucessos narrados, de modo que à dos senhores de engenho, descendentes de portugueses, soma-se a dos escravos africanos importados de Moçambique e Angola, e a dos caboclos descendentes dos índios, antigos habitantes da região.

Da leitura de *Menino de Engenho* é possível extrair muitas informações sociológicas e antropológicas valiosas para traçar o perfil de uma sociedade hoje em vertiginosa transformação. Aliás, somente as grandes realizações literárias permitem acesso dessa espécie. Assim, temos, ao longo da narrativa a oportunidade de travar contato com uma culinária, uma farmacopéia, um imaginário, uma prática sexual relativa a todas as faixas etárias, um sistema semifeudal de administração da terra, uma ética do patriarcalismo, outra dos miseráveis viventes das senzalas e dos eitos, enfim, de mergulhar no espetáculo de uma espécie de vida hoje só perceptível porque congelada pela arte de fixar, própria da ficção.

Mas sua ficção não é despedada da realidade. Esta é uma realidade transposta para o plano ficcional. Vale a pena recordar aqui o modo como isso ocorre. Para tanto, voltemos ao menino Carlinhos e suas observações: "Há oito dias que relampejava nas cabeceiras. Meu avô ficava de noite por muito tempo a espreitar o abrir rápido do relâmpago para os lados de cima. E quando se cansava de tanto esperar, botava os moleques para isto. Lá um dia, para as cordas das nascentes do Paraíba, via-se, quase rente do horizonte, um abrir longínquo e espacado de relâmpago: era inverno na certa no alto sertão. As experiências confirmavam que com duas semanas de inverno o Paraíba apontaria na várzea com a sua primeira cabeça-d'água."(p.54). Se há quem objete ser esta uma mera descrição daquilo que o narrador visualiza, é preciso informar ao descontente que o romance de 30 descende em linha direta do Realismo, donde provém sua força aliciante. E basta.

Aos inconformados com a arte de José Lins do Rego dever sua maneira aos contadores de história do sertão, evocamos mais uma vez a personagem "velha Totonha", de quem o autor herdou o modo cativante de expor: "Pequenina e toda engelhada, tão leve que uma ventania poderia carregá-la, andava léguas e léguas a pé, de engenho a engenho, como uma edição viva das *Mil e uma noites*. Que talento ela possuía para contar as suas histórias, com um jeito admirável de falar em nome de todos os personagens! Sem nem um dente na boca, e com uma voz que dava todos os tons às palavras." (p.79). E mais adiante: "O que fazia a velha Totonha mais curiosa era a cor local que ela punha nos seus descritivos. Quando ela queria pintar um reino era como se estivesse falando dum engenho fabuloso. Os rios e as florestas por onde andavam os seus personagens se pareciam muito com o Paraíba e a Mata do Rolo. O seu Barba-Azul era um senhor de engenho pernambucano."(p.80).

Parece ter sido este o modo legítimo de narrar admirado, assimilado e adotado por José Lins do Rego e que resume adequadamente o seu segredo de escritor: transpor o real para o plano da ficção, e esta, para o plano do real. Em outras palavras, com a velha Totonha e os inúmeros contadores de histórias que ouviu durante a infância, o autor de *Menino de Engenho* apren-

deu a adaptar o imaginário recebido de fora às condições locais de seu trabalho, e a revestir o real com uma camada de irreal para seduzir seu público com eficácia.

Pelo que foi dito, nos cem anos de nascimento de um escritor que inscreveu o Brasil em sua obra, cabe parabenizar o povo a que pertence pela argúcia com a qual José Lins do Rego se houve ao pintar o Nordeste como ele é, ao mesmo tempo que o fazia com a malícia dos velhos contadores de história e prestidigitadores medievais da palavra oral.